

III CONFERÊNCIA INTERNACIONAL  
**HISTÓRIA, ANTROPOLOGIA & LITERATURA**

# Práticas, discursos e performances em Iberoamérica

**3 a 5 de Abril**  
UFC Centro de Humanidades  
Benfica, Fortaleza



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO CEARÁ

**HISTÓRIA UFC**  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO



ENFF



**ih** INSTITUTO  
DE HISTÓRIA  
CONTEMPORÂNEA

**N** NOVAFCSH  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

**FCT** Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

# III Conferência Internacional Memória, Cultura e Devir - História, Antropologia e Literatura: práticas, discursos e performances em Iberoamérica.

REALIZAÇÃO



**Ana Karine Martins Garcia**  
**Gilberto Gilvan Souza Oliveira**  
**Kênia Sousa Rios**  
**Paula Godinho**  
[Organizadores]

## Caderno de Resumos

# **III Conferência Internacional Memória, Cultura e Devir - História, Antropologia e Literatura: práticas, discursos e performances em Iberoamérica.**



FORTALEZA  
2019

Reitor da Universidade Federal do Ceará

*Prof. Henry de Holanda Campos*

Vice-Reitor da Universidade Federal do Ceará

*Prof. Custódio Luís Silva de Almeida*

Chefe do Departamento de História

*Prof. Francisco José Pinheiro*

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História

*Prof. Francisco Regis Lopes Ramos*

Comissão Científica

*Adelaide Gonçalves (UFC)*

*Kênia Sousa Rios (UFC)*

*Paula Godinho (UNL)*

Comissão de Organização

*Adelaide Gonçalves (UFC)*

*Ana Amélia de Moura Cavalcante Melo (UFC)*

*Ana Carla Sabino (UFC)*

*Ana Karine Martins Garcia (UFC)*

*Cleidiane Moraes (UFC)*

*Eurípedes Antônio Funes (UFC)*

*Franck Ribard (UFC)*

*Frederico de Castro Neves (UFC)*

*Gilberto Gilvan Souza Oliveira (UFC)*

*Irenísia Torres (UFC)*

*José Romário Bastos (UFC)*

*Kênia Sousa Rios (UFC)*

*Lourdes Vicente (UFC/MST)*

*Lucas Assis de Oliveira (UFC)*

*Paula Godinho (UNL)*

*Rafaela Gomes Lima (UFC)*

Projeto Gráfico e Editoração

*Gilberto Gilvan Souza Oliveira*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Imprensa Universitária

---

C748

Conferência Internacional Memória, Cultura e Devir- História, Antropologia e Literatura (3. : 2019 : Fortaleza, CE).

Caderno de resumos [recurso eletrônico] 3ª Conferência Internacional Memória, Cultura e Devir- História, Antropologia e Literatura: práticas, discursos e performances em Iberoamérica, 3 a 5 de abril de 2019. / organizadores: Ana Karine Martins Garcia... [et al.]. - Fortaleza, CE : Universidade Federal do Ceará, 2019.

1.581kb. ; PDF.

ISBN: 978-85-7485-352-9

1. Literatura. 2. História. 3. Antropologia. I. Garcia, Ana Karine Martins, org. II. Souza, Gilberto Gilvan, org. III. Rios, Kênia Sousa, org. VII. Godinho, Paula, org. V. Título.

---

CDD 981

## Apresentação

A *Conferência Internacional Memória, Cultura e Devir* é organizada pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará, pela Red(e) Ibero-Americana Resistência e/y Memória, e pela linha de investigação «Usos do Passado, Memória e Patrimônio Cultural» do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa, juntando investigadores de várias universidades e países, que apresentam, debatem e procuram cruzar caminhos. Em 2017 foi realizada sua primeira edição, o *Colóquio Internacional "Outros Tempos Hão de Vir"*, entre os dias 18 a 20 de outubro, na Universidade Federal do Ceará. A segunda edição, *Conferência Internacional Memória, Cultura e Devir – Estudos aprofundados em Ciências Sociais*, ocorreu na Universidade Nova de Lisboa, no período de 10 a 12 de maio de 2018. Em sua terceira edição, a *Conferência História, Antropologia e literatura: práticas, discursos e performances em Iberoaméricai*, resultado do reconhecimento da confluência de saberes de vários investigadores, que ao longo dos últimos anos têm trabalhado a área de fronteira entre a história, a antropologia e a literatura, tem como objeto de reflexão as confluências teóricas e metodológicas sobre as potencialidades, a criatividade e os riscos das zonas de limiar entre disciplinas das ciências sociais e humanas.

## Sumário

Programação .....	08
-------------------	----

### [CONFERÊNCIA DE ABERTURA]

Quando a realidade é o horror: literatura, antropologia e a construção do porvir .....	13
<i>Paula Godinho</i>	

### [PATRIMÔNIO, PERFORMANCES E COMEMORAÇÕES: O LUGAR DA LITERATURA]

Comemorações municipais: relações entre história, literatura e memória .....	15
<i>Eduardo Roberto Jordão Knack</i>	
Um naturalista imaginando o futuro – Saint Hilaire e o Sertão Cerrado do Brasil .....	15
<i>Eurípedes Antônio Funes</i>	
Os Rituais da Pobreza: festivais de caridade na seca de 1915 .....	16
<i>Frederico de Castro Neves</i>	
Gingas, mandingas e esquivas: dispositivos performáticos dos corpos subalternos .....	16
<i>Ricardo Nascimento</i>	

### [LITERATURA E ETNOGRAFIAS]

A circularidade cultural entre Brasil e Portugal: modernismo, etnografia e folclore .....	19
<i>Antonio Gilberto Ramos Nogueira</i>	
O Caldeirão: massacre, extermínio e memória .....	19
<i>Francisco Regis Lopes Ramos</i>	
Da África para o Brasil: áleas da divulgação do cinema africano no Brasil .....	20
<i>Franck Ribard</i>	
Fronteiras culturais e criação literária: a invenção do portunhol selvagem .....	20
<i>José Lindomar C. Albuquerque</i>	

### [PODER, RESISTÊNCIAS E PRODUÇÃO INTELECTUAL]

Intelectuais e militância Política: Chile e Brasil (1937-1947) .....	23
<i>Ana Amélia Moura Cavalcante de Melo</i>	
A indústria cultural a serviço do agronegócio no Brasil .....	23
<i>Ana Manuela Chã</i>	
Cuba: palabras a los intelectuales en tres momentos de recepción .....	24
<i>Ivette Lozoya López</i>	
O lusotropicalismo na vitrine: articulando a história e a antropologia em exposições museológicas no Brasil e em Portugal .....	24
<i>Lília Abadia</i>	

### [ESCREVER O REAL]

Modos de leitura camponesa construindo os meios que <i>a experiência indica e a imaginação sugere</i> .....	27
<i>Adelaide Gonçalves</i>	

Os vencidos do subúrbio: indivíduo e sociedade no romance Clara dos Anjos, de Lima Barreto .....	28
<i>Irenísia Torres de Oliveira</i>	
Correspondência privada, arquivos públicos: As cartas de Capistrano de Abreu a Tomás Lino d'Assunção .....	28
<i>João Ernani Furtado Filho</i>	
As estratégias narrativas em <i>O karaíba</i> , de Daniel Munduruku: recusa da perspectiva histórica genocida .....	28
<i>Suene Honorato</i>	

#### [QUANDO O TEMPO ACELERA: HISTÓRIA, ETNOGRAFIA E MOVIMENTOS SOCIAIS]

Tempo, costumes e incertezas: Narrativas sobre os retirantes e suas resistências e lutas em Fortaleza (1878-1879) .....	31
<i>Ana Karine Martins Garcia</i>	
Etnocídio, fetichismo da mercadoria e resistência popular .....	31
<i>Atilio Bergamini</i>	
“O Mucuripe de ontem, hoje e amanhã, como será?": V. Miranda e o <i>Acervo Mucuripe</i> .....	32
<i>Berenice de Castro Neves</i>	
Trajetórias de Migrantes: trabalho, família e territórios de pertencimento .....	32
<i>Marilda A. Menezes</i>	

#### [BATALHA PELAS IDEIAS]

Leitura e liberdade: com quantas letras L se faz políticas públicas de promoção do livro, leitura e literatura? .....	35
<i>Fabiano dos Santos Piúba</i>	
Engajamento ainda: relendo <i>A rosa do povo</i> com olhos de hoje .....	35
<i>Iumna Maria Simon</i>	
Livros e "políticas do espírito" entre Brasil e Portugal no século XX - o caso da <i>Livros do Brasil</i> .....	35
<i>João Luís Lisboa e Débora Dias</i>	
Eram os cearenses futuristas? Modernização e vanguarda no nordeste brasileiro .....	36
<i>Rodrigo de Albuquerque Marques</i>	

#### [AS LETRAS, O CINEMA E AS VOZES]

O lugar e a fala em Chico Alvim .....	38
<i>Eleonora Ziller Camenietzk</i>	
Narrativas da fome no Norte e Nordeste do Brasil: algumas considerações sobre a letra e a voz .....	38
<i>Kênia Sousa Rios</i>	
Mistura, diferença e tradução: a poética no entremundos de Guimarães Rosa e de <i>Certa Antropologia</i> .....	38
<i>Kleyton Rattes</i>	
A formação da cabroeira em <i>Memorial de Maria Moura</i> : romance de Rachel de Alencar ....	39
<i>Tyrone Apollo Cândido</i>	

# Programação

---

02 de abril de 2019

---

Acolhida aos participantes e vivência no Assentamento Maceió e na Escola do Campo Nazaré Flor.

---

03 de Abril de 2019

---

## MANHÃ

### 10h00 - Conferência de abertura

**Local:** Auditório Rachel de Queiroz (Centro de Humanidades, Área II)

Quando a realidade é o horror: literatura, antropologia e a construção do porvir.

*Paula Godinho (Instituto de História Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa)*

### 11h00 – Café

### 11h20 – [MESA 1] PATRIMÓNIO, PERFORMANCES E COMEMORAÇÕES: O LUGAR DA LITERATURA.

**Coordenador:** Ana Rita Fonteles Duarte (Universidade Federal do Ceará)

**Local:** Auditório Rachel de Queiroz (Centro de Humanidades, Área II)

Comemorações municipais: relações entre história, literatura e memória.

*Eduardo Roberto Jordão Knack (Universidade Federal de Pelotas)*

Um naturalista imaginando o futuro – Saint Hilaire e o Sertão Cerrado do Brasil.

*Eurípedes Funes (Universidade Federal do Ceará)*

Os rituais da pobreza: festivais de caridade na seca de 1915,

*Frederico de Castro Neves (Universidade Federal do Ceará)*

Gingas, mandingas e esquivas: dispositivos performáticos dos corpos subalternos.

*Ricardo Nascimento (Universidade da Integração Internacional e da Lusofonia Afro-brasileira)*

### 12h20 - Debate

## TARDE

### 13h00 – Almoço

### 14h30 – [MESA 2] LITERATURA E ETNOGRAFIAS

**Coordenador:** Ana Carla Sabino (Universidade Federal do Ceará)

**Local:** Auditório Rachel de Queiroz (Centro de Humanidades, Área II)

A circularidade cultural entre Brasil e Portugal: modernismo, etnografia e folclore.

*Antonio Gilberto Ramos Nogueira (Universidade Federal do Ceará)*

O Caldeirão: massacre, extermínio e memória.

*Francisco Regis Lopes Ramos (Universidade Federal do Ceará)*

Da África para o Brasil: áleas da divulgação do cinema africano no Brasil.

*Franck Ribard (Universidade Federal do Ceará)*

Fronteiras culturais e criação literária: a invenção do portunhol selvagem.

*José Lindomar C. Albuquerque (Universidade Federal de São Paulo)*



## 16h00 – Debate

### 17h00 – Lançamento de publicações

**Mediação:** *Débora Dias (Universidade de Lisboa)*

**Local:** Auditório Rachel de Queiroz (Centro de Humanidades, Área II).

João Luís Lisboa, *Então, o quê? A História que (se) conta é problemática*, Húmus, 2018.

Francisco José Pinheiro, *Ceará em Documentos: guia de Fontes para a História Colonial do Ceará (1754-1759)*.

---

04 de Abril de 2019

---

## MANHÃ

### 10h00 – [MESA 3] PODER, RESISTÊNCIAS E PRODUÇÃO INTELECTUAL

**Coordenador:** *Leandro Bulhões (Universidade Federal do Ceará)*

**Local:** Auditório José Albano (Centro de Humanidades, Área I)

Intelectuais e militância política: Chile e Brasil (1937-1947).

*Ana Amélia de Moura Cavalcante Melo (Universidade Federal do Ceará)*

A indústria cultural a serviço do agronegócio no Brasil.

*Ana Manuela Chã (Universidade Estadual Paulista)*

Cuba: palabras a los intelectuales en tres momentos de recepción.

*Ivette Lozoya López (Universidad de Valparaíso)*

O lusotropicalismo na vitrine: articulando a História e a Antropologia em exposições museológicas no Brasil e em Portugal.

*Lília Abadia (University of Nottingham)*

### 11h20 – Café

### 11h40 - Debate

## TARDE

### 14h30 – [MESA 4] ESCREVER O REAL

**Coordenador:** *Cláudia Freitas de Oliveira (Universidade Federal do Ceará)*

**Local:** Auditório José Albano (Centro de Humanidades, Área I)

Modos de leitura camponesa construindo os meios que “a experiência indica e a imaginação sugere”.

*Adelaide Gonçalves (Universidade Federal do Ceará)*

Os vencidos do subúrbio: indivíduo e sociedade no romance Clara dos Anjos, de Lima Barreto.

*Irenísia Torres de Oliveira (Universidade Federal do Ceará)*

Correspondência privada, arquivos públicos: as cartas de Capistrano de Abreu a Tomás Lino d'Assunção.

*João Ernani Furtado Filho (Universidade Federal do Ceará)*

As estratégias narrativas em O karaíba, de Daniel Munduruku: recusa da perspectiva histórica genocida.

*Suene Honorato (Universidade Federal do Ceará)*

### 15h30 - Debate

## 16h00 – Café

### 16h10 - [MESA 5] QUANDO O TEMPO ACELERA: HISTÓRIA, ETNOGRAFIA E MOVIMENTOS SOCIAIS

**Coordenador:** Mário Martins Viana Júnior (Universidade Federal do Ceará)

**Local:** Auditório José Albano (Centro de Humanidades, Área I)

Tempo, costumes e incertezas: Narrativas sobre os retirantes e suas resistências e lutas em Fortaleza (1878-1879).

Ana Karine Martins Garcia (Universidade Federal do Ceará)

Etnocídio, fetichismo da mercadoria e resistência popular.

Atilio Bergamini (Universidade Federal do Ceará)

“O Mucuripe de ontem, hoje e amanhã, como será?": Verinha Miranda e o Acervo Mucuripe.

Berenice Abreu de Castro Neves (PPGH, Universidade Federal do Ceará)

Trajetórias de migrantes: trabalho, família e territórios de pertencimento.

Marilda A. Menezes (Universidade Federal do ABC)

## 17h10 – Debate

### 17h30 – Lançamento de publicações

**Mediação:** Francisco José Pinheiro (Departamento de História, Universidade Federal do Ceará)

**Local:** Auditório José Albano (Centro de Humanidades, Área I)

Ana Manuela Chã, *Agronegócio e indústria cultural: estratégias das empresas para a construção da hegemonia*. Expressão Popular, 2018.

Pablo Pozzi e Paula Godinho (organizadores), *El compromiso social y político del/a intelectual*, Buenos Aires, CLACSO, 2019.

Tyrone Apollo Pontes Cândido. *Proletários das secas: experiências nas fronteiras do trabalho (1877-1919)*. Curitiba: Appris Editora, 2019.

---

05 de abril de 2019

---

## MANHÃ

### 09h30 – Lançamento de publicações

**Mediação:** Francisco José Pinheiro (Departamento de História, Universidade Federal do Ceará)

**Local:** Auditório Rachel de Queiroz (Centro de Humanidades, Área II)

Irenísia Torres e Danielle dos Santos Corpas lançam: Maria Augusta e SCHWARZ, Roberto (orgs.). *Antonio Candido 100 anos*. São Paulo: Editora 34, 2018.

Rodrigo de Albuquerque Marques, *A nação vai à província: do Romantismo ao Modernismo no Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2018. (Coleção Humanidades - UFC)

### 10h00 – [MESA 6] BATALHAS PELAS IDEIAS

**Coordenador:** Kleiton Moraes (Universidade Federal do Ceará)

**Local:** Auditório Rachel de Queiroz (Centro de Humanidades, Área II)

Leitura e liberdade - Com quantas letras L se faz políticas públicas de promoção do livro, leitura e literatura?

Fabiano dos Santos Piúba (Secretaria de Cultura – Ce

Engajamento ainda: relendo *A rosa do povo* com olhos de hoje.  
*Iumna Maria Simon (Universidade de São Paulo)*

Livros e "políticas do espírito" entre Brasil e Portugal no século XX: o caso da Livros do Brasil.  
*João Luís Lisboa e Débora Dias (Universidade Nova de Lisboa)*

Eram os cearenses futuristas? Modernização e vanguarda no nordeste brasileiro.  
*Rodrigo de Albuquerque Marques (FECLASC/Universidade Estadual do Ceará)*

**11h30 - Café**

**12h00 - Debate**

**TARDE**

**13h00 – Almoço**

**14h30 - [MESA 7] AS LETRAS, O CINEMA E AS VOZES**

**Coordenador:** *Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho (Universidade Federal do Ceará)*

**Local:** Auditório Rachel de Queiroz (Centro de Humanidades, Área II)

O lugar e a fala em Chico Alvim.

*Eleonora Ziller Camenietzki (Universidade Federal do Rio de Janeiro)*

Narrativas da fome no Norte/Nordeste do Brasil: algumas considerações sobre a letra e a voz.  
*Kênia Sousa Rios (Universidade Federal do Ceará)*

Mistura, diferença e tradução: a poética no entremundos de Guimarães Rosa e de Certa Antropologia  
*Kleyton Rattes (Universidade Federal do Ceará)*

A formação da cabroeira em *Memorial de Maria Moura*: romance de Rachel de Alencar.  
*Tyrone Apollo Cândido (PPGH, Universidade Federal do Ceará)*

**15h30 - Debate**

**16h00 - Conferência Coletiva - Mulheres e terra no Ceará: relatos de vidas e resitências.**

**Mediação:** Lourdes Vicente (FACED-UFC - MST)

**Local:** Auditório Rachel de Queiroz (Centro de Humanidades, Área II)

**18h00 – Cinema da Terra no Centro de Formação Frei Humberto.**

**19h00 – Confraternização e Solidariedade no Centro de Formação Frei Humberto.**

---

**PROGRAMAÇÃO PERMANENTE – 03 a 05 de abril de 2019**

---

**Feira do Livro**

**Organização:** PET História/Plebeu Gabinete de Leitura/ Editora Expressão Popular

**Local:** Pátio da História.

Exposição Plaquinhas políticas, por Aline Albuquerque.

**Local:** Pátio da História.

# **Conferência de Abertura**

[POR PAULA GODINHO]

## **Quando a realidade é o horror:** literatura, antropologia e a construção do porvir.

*Paula Godinho*

*Departamento de Antropologia e Instituto de História Contemporânea, FCSH-NOVA*

Num processo de depuração que consegue condensar e justapor o real, a literatura pode conseguir ir mais longe que alguns estudos e exegeses. É uma candeia que vai à frente e que ilumina duas vezes, sobretudo quando retoma o fio da história. Por vezes, a realidade parece saída de uma novela ou de um conto de Juan Carlos Onetti, em que pouco acontece e a trama não é essencial, que nos angustia pelo que não sabemos, como se existisse aquilo a que Mario Benedetti chama um “presente crónico”, sem culminar, viscoso, sufocante, sombrio, acre, compacto. É de uma realidade assim que parto nesta conferência, a partir de uma etnografia peripatética por Buenos Aires com as mães da Praça de Maio, de uma visita à ESMA de horrenda memória, e da leitura de «Una misma noche», de Leopoldo Brizuela: a ditadura argentina. Parto desse caos, numa conjuntura preocupante em tantos pontos do mundo, que exige que se continue a dizer «Nunca mais!» - a expressão que rejeita atrocidades do passado, com um repúdio total, eterno, geral. Nunca mais! traz dentro um desejo, que imagina um futuro, e que é também um modo de perfurar tempos e espaços, como exercício de superação da repugnância provocada por tantas atrocidades. Entre a história, a antropologia e a literatura, relembra-se uma internacional do horror que marcou a humanidade, e, como investigadoras embrenhadas com o nosso objecto de estudo, reivindica-se um programa que aumente a dignidade, a autonomia e a liberdade das pessoas.

**Patrimônio, performances e comemorações:**

o lugar da literatura

[MESA 1]

## **Comemorações municipais:**

relações entre história, literatura e memória.

*Eduardo Roberto Jordão Knack  
Universidade Federal de Pelotas*

As comemorações municipais constituem um importante marco social para as cidades em que ocorrem. Além de mobilizar diferentes sujeitos, diferentes grupos sociais que se envolvem com sua realização exercendo diferentes funções durante as festividades, uma comemoração, especialmente aniversários com datas fechadas, como cinquentenários ou centenários, são momentos propícios para (re)atualizar projetos políticos, econômicos, (re)direcionar perspectivas futuras e (re)pensar o passado. Uma comemoração também permite conectar experiências, trajetórias individuais, pessoais, com a história da cidade, da região e mesmo do país - a distância entre o passado e o presente parece reduzida, como se eventos longínquos estivessem ao alcance das mãos, e o futuro aparece como um horizonte palpável, realizável e sólido. No entanto, essa história é fruto de seleções operadas por aqueles que participam da organização dessas festividades, que se envolvem na elaboração de publicações comemorativas que flertam com o passado, selecionando personagens, acontecimentos e lugares que passam para o campo memorável, deixando no esquecimento os elementos que não foram considerados importantes em função dos projetos que estão em jogo no presente. O presente trabalho tem como objetivo analisar publicações comemorativas de algumas cidades do Rio Grande do Sul, observando como a história e a literatura se relacionam e são mobilizadas para construção/afirmação de memórias e imaginários em diferentes comemorações. A partir da análise desses documentos é perceptível que a fronteira que existe entre a memória e a história se torna flexível, bem como também é possível perceber como narrativas históricas e literárias se articulam para reduzir a distância entre o passado e o presente e tornar o futuro concreto.

## **Um naturalista imaginando o futuro:**

Saint Hilaire e o sertão cerrado do Brasil.

*Eurípedes Funes  
Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará*

Quando de sua passagem por Goiás, em 1819, Saint-Hilaire, ao mesmo tempo em que lamentava deixar o Brasil, imaginava eventuais leituras suscitadas por suas narrativas sobre aquela Província, e as percepções sobre o visto e o narrado. Afirmara, à época, não estar longe o tempo em que os brasileiros iriam lamentar a total extinção de suas matas. E, diante dos campos cortados por estradas de ferro, as gerações futuras sorririam ao lerem nos livros sobre um tempo quando o viajante podia considerar-se afortunado quando conseguia percorrer, numa jornada, quatro ou cinco léguas. Prenúncio do futuro

para o vasto e distante sertão, tomado até então como símbolo do atraso e vocacionado ao moderno, do que estava por vir. O que diria o viajante francês, duzentos anos depois sobre este sertão cerrado? A partir dos seus escritos e os de outros viajantes europeus, intentamos uma análise das transformações sociais e ambientais deste espaço que, no tempo presente, atende aos interesses hegemônicos da economia, cultura e da política do agronegócio, gerando expropriação e pobreza das comunidades, monopólio da terra, da água e vasta destruição da natureza e da cultura. Um futuro, visto no passado, hoje presente.

## **Os Rituais da pobreza: festivais de caridade na seca de 1915.**

*Frederico de Castro Neves  
Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará*

Durante a seca de 1915, que assolou mais uma vez o estado do Ceará, ondas de migrações se estenderam a todo o Brasil, demandando do governo e da população abastada atitudes de caridade e controle social. Nas principais cidades (como Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo), festivais públicos foram organizados por organizações filantrópicas com vistas a arrecadar recursos que seriam enviados aos “flagelados”. Em teatros ou em parques abertos, com uma programação de atividades artísticas, palestras, jogos e sorteios, os festivais celebravam a caridade pública, de iniciativa privada, como o principal meio de lidar com a pobreza em um momento em que a República se consolidava em oposição às práticas paternalistas do Império.

## **Gingas, mandingas e esquivas: dispositivos performáticos dos corpos subalternos.**

*Ricardo Nascimento  
Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional e da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)*

No dia oito de outubro de 2018, Romualdo Rosário da Costa, baiano de 63 anos de idade, conhecido no meio da capoeiragem como Mestre Moa do Katendê, foi assassinado na cidade de Salvador, com 12 facadas, por ocasião de um desentendimento político com um opositor no contexto do fim do primeiro turno das eleições presidenciais brasileiras de 2018. Ao declarar seu voto no candidato petista, Romualdo entrou em desacordo com um opositor que se encontrava no local e que, ao retirar-se da cena de litígio, retornou armado e esfaqueou o mestre de capoeira. Esta apresentação tem por finalidade problematizar os conceitos nativos de mandinga, ginga e esquiva, oriundos da prática da capoeira, tendo como base a situação social vivida no processo eleitoral brasileiro de 2018, com o



assassinato do Mestre Moa do Katendê. A pesquisa tenta demonstrar que a mandinga, a ginga e a esquiva constituem-se como dispositivos estéticos e simbólicos, que fazem parte do repertório performático dos praticantes de capoeira, e podem ser compreendidos enquanto artefatos de navegação e ação social dos capoeiristas, no contexto da sua subalternidade.

## Literatura e etnografias

[MESA 2]

## **A circularidade cultural entre Brasil e Portugal: modernismo, etnografia e folclore.**

*Antonio Gilberto Ramos Nogueira  
Programa de Pós-Graduação em História Social, UFC*

A partir do contexto do modernismo brasileiro e o português, busco analisar os diálogos e aproximações entre Brasil e Portugal, com vistas a acompanhar os percursos do popular na modalidade de um “modernismo etnográfico” praticado por Mário de Andrade e Antonio Ferro. Projetos estéticos, científicos e políticos, desenvolvidos no âmbito do Departamento de Cultura de São Paulo, via Sociedade de Etnografia e Folclore, e do Secretariado de Propaganda Nacional, por meio da Política Folclorista, repertoriaram o pensamento e a ação dos dois modernistas nas décadas de 1930 e 1940.

## **O caldeirão: massacre, extermínio e memória.**

*Francisco Régis Lopes Ramos  
Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará*

O Caldeirão foi uma comunidade liderada por José Lourenço e formada por camponeses devotos do Padre Cícero. José Lourenço chegou a Juazeiro por volta de 1890. Como muitos outros, era romeiro. Mas a fé cresceu e ele se transformou em beato. Além de se penitenciar, ele fez uma comunidade de agricultores; nada muito grande, mas, com a sua orientação, pôs-se em prática o que em outros lugares se restringia à palavra: a igualdade entre os filhos de Deus. Em 1926, ele foi para o Caldeirão e refez a irmandade, com o mesmo princípio de antes: trabalhava-se e dividia-se o que saía do trabalho. Falava-se que “tudo era de todos e nada era de ninguém”. No dia 11 setembro de 1936, um destacamento militar invadiu e massacróu o Caldeirão. A partir de 1989, comecei a gravar o depoimento de sobreviventes. E, em 2016, publiquei o livro *O massacre do Caldeirão, 11 de setembro de 1936*. Meu intuito, em resumo, foi estudar as condições históricas de existência da comunidade e das forças que a destruíram, com destaque para a disputa de memórias que foi se compondo na medida em que o tempo foi passando. Esse massacre que teve data para começar, também teve data para terminar: vai do dia 11 de setembro de 1936 até o dia 10 de maio de 1937. Mas o massacre não termina porque os repressores desistiram de reprimir, e sim porque a repressão deixa de ser massacre para se tornar extermínio. No dia 10 de maio de 1937, o contingente de soldados do capitão José Bezerra entra em choque com um grupo de devotos. De ambos os lados saem mortos, inclusive o próprio capitão e o beato Severino Tavares, que andava pelos sertões pregando e dizendo que o Caldeirão era um lugar santo e que o beato José Lourenço era um beato abençoado pelo Padre Cícero. Ressentida, a polícia reagiu. O extermínio se estendeu por mais de um mês e até hoje não se sabe ao certo quantos devotos a polícia matou. Sobre isso, tratarei

em outro livro, que ainda estou escrevendo: *O extermínio do Caldeirão, 10 de maio de 1937*. Assim como não havia restringido o massacre ao dia 11 de setembro, não limitarei o extermínio ao dia 10 de maio. Além disso, ou subjacente a isso, entendo o massacre e o extermínio em sentido amplo, incluindo ou mesmo privilegiando uma abordagem sobre o modo pelo qual as narrativas são compostas. A comunicação que irei apresentar trata de aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa e da escrita desses dois livros.

## **Da África para o Brasil:** áreas da divulgação do cinema africano no Brasil.

*Franck Ribard*  
*Universidade Federal do Ceará*

O presente trabalho pretende analisar as implicações e as condições da recepção do cinema africano no Brasil, levando em conta o contexto nacional, mas sobretudo à luz dos 10 anos de experiências da Mostra de Cinema Africano (UFC). Partindo de uma leitura das produções contemporâneas africanas, várias delas adaptações de romances, busca-se problematizar as dificuldades, mas também a natureza dos elementos em jogo, na apreensão deste cinema pelo público brasileiro.

## **Fronteiras culturais e criação literária: a invenção do *portunhol selvagem*.**

*José Lindomar C. Albuquerque*  
*Universidade Federal de São Paulo*

O *portunhol selvagem* é um movimento literário irreverente, transgressor e poético. A referência a este termo aparece em 2008, no Paraguai, em um encontro literário em que foi lançado a “*Karta-manifiesto del Amor Amor del Portunhol Selvagem*”. No entanto, o portunhol, na escrita literária, tem antecedentes históricos importantes nas zonas de fronteiras territoriais e culturais entre o português e o espanhol. Podemos compreender essa “língua-movimento” como parte do processo mais amplo das literaturas transfronteiriças que buscam romper com as gramáticas e narrativas nacionais, produzindo livros, poemas e traduções a partir das mesclas e invenções de línguas e culturas em suas zonas de contato. No caso específico do *portunhol selvagem*, trata-se de uma mistura predominante de português e espanhol, mas também com palavras e frases em guarani, inglês, francês e outros idiomas de conhecimento dos autores. O objetivo desse trabalho é refletir sobre a produção recente dessa literatura de fronteira situada no amplo espaço imaginário entre o Brasil e o Paraguai. Analiso particularmente os livros *Mar Paraguayo* (1992), de Wilson Bueno, visto como um texto referência para esse movimento literário mais recente, e *El astronauta paraguayo* (2007) e *Triplefrontera*

*Dreams (2012)*, de Douglas Diegues, um dos criadores e principais divulgadores do portunhol selvagem.

## **Poder, resistências e produção intelectual**

[MESA 3]

## **Intelectuais e militância Política: Chile e Brasil (1937-1947)**

*Ana Amélia Moura Cavalcante de Melo  
Programa de Pós-Graduação em História Social, UFC*

Em maio de 1936 o Secretário Geral do Partido Comunista do Chile, Carlos Contreras Labarca, escreveu no jornal Frente Popular um artigo intitulado “¿Gobierno de transición o ditadura?”. O autor falava sobre o significado estratégico da política da Frente Popular para derrotar o fascismo e a ditadura do presidente Arturo Alessandri nas eleições de 1938. Nesse processo escritores, professores e artistas organizaram em 1937 a Alianza de Intelectuales de Chile em Defensa de la Cultura (AICH) com o objetivo de posicionarem-se como atores centrais da transição política. Processo semelhante ocorreu no Brasil, quando em 1945 intelectuais realizaram o I Congresso de Escritores da Associação Brasileira de Escritores (ABDE). Nele elaboraram um manifesto em defesa da democracia e contra a ditadura Estado novista. Em ambos casos a experiência do engajamento intelectual é vivenciada a partir de uma militância estreitamente vinculada aos partidos comunistas de cada país. A proposta deste trabalho é o de analisar, comparativamente, de que forma estes intelectuais compreendem seu papel na legitimação de um projeto político e qual a construção que elaboram a respeito do que era considerado como um processo de “transição para a democracia”.

### **A indústria cultural a serviço do agronegócio no Brasil.**

*Ana Manuela Chã  
Universidade Estadual de Paulo Júlio Mesquita Filho*

A consolidação da hegemonia do agronegócio nas últimas duas décadas no Brasil tem suas bases numa articulação estratégica entre as dimensões econômicas, políticas e ideológicas/ simbólicas desse projeto. A cultura e a arte, na sua forma mercadoria, não operam como mero acessório, mas desempenham papel muito importante seja ao nível da construção de um imaginário coletivo favorável ao projeto do agronegócio, seja como mecanismo de naturalização das relações de dominação e ocultação das contradições do modelo.

## **Cuba:** palabras a los intelectuales en tres momentos de recepción.

*Ivette Lozoya López*  
*Universidad de Valparaíso*

Las palabras a los intelectuales pronunciadas por Fidel Castro en 1961, se convirtieron en el sustento de la definición de la política cultural de la Isla, la importancia del sujeto y el contexto de enunciación, determinó que pese a que la política cultural de Cuba cambiaba, las palabras a los intelectuales que planteaban la sentencia “dentro de la revolución todo, contra la revolución nada”, nunca perdieron vigencia porque eran resignificadas en función del contexto y las necesidades de época. Esta ponencia se propone analizar qué significó el discurso de Castro para los intelectuales y burócratas de la Isla en tres momentos de la historia de Cuba, los sesenta de invención y revolución cultural, los setenta de soviétización y parametración y los noventa de renovación.

## **O lusotropicalismo na vitrine:** articulando a História e a Antropologia em exposições museológicas no Brasil e em Portugal.

*Lília Abadia*  
*School of Cultures, Languages and Area Studies, University of Nottingham*

A presente comunicação visa discutir como discursos sobre o passado e o presente – sustentados nas disciplinas científicas de história e antropologia – são mobilizados em exposições de longa-duração, em museus lusófonos, para construir ideias de identidade nacional e alteridade. Partimos da hipótese de que no contexto lusófono as ideias lusotropicalistas, articuladas por Gilberto Freyre na década de 1930, e posteriormente incorporadas nos discursos políticos identitários brasileiro e português, são ainda hegemônicas em instituições culturais financiadas pelos respectivos governos. Pretendemos, assim, analisar a concepção de lusotropicalismo a partir do discurso institucional e das exposições de longa duração de três estudos de caso – designadamente, o Museu Histórico Nacional (Rio de Janeiro, Brasil), Museu Afro Brasil (São Paulo, Brasil), e o Museu Nacional de Antropologia (Lisboa, Portugal). Mais especificamente, a nossa análise propõe uma reflexão sobre: I - a relação entre o discurso institucional dos museus e suas práticas expositivas, focando especificamente na forma como incorporam ou rejeitam ideias lusotropicalistas; II - a mediação entre o conhecimento científico acadêmico – histórico e antropológico – e a comunicação museológica; III - e por fim, as consequências das práticas museológicas para a consolidação de discursos científicos e políticos sobre identidade nacional e alteridade. Embora saibamos do limitado alcance dos museus no cenário socio-cultural brasileiro e português (reduzido número de visitantes nacionais, escassos recursos financeiros e inocuidade das políticas específicas do setor), estas instituições têm reconhecidos papéis



pedagógicos e simbólicos em ambas as sociedades, contribuindo para a reafirmação de valores e para a projeção de um futuro comum. Assim, consideramos os museus meios privilegiados para examinar as acomodações e rupturas na produção do conhecimento histórico e antropológico, bem como para a produção de outras epistemologias.

**Escrever o real**

[MESA 4]

## **Modos de leitura camponesa construindo os meios que “a experiência indica e a imaginação sugere”.**

*Adelaide Gonçalves  
Departamento de História - UFC/Escola Nacional Florestan Fernandes*

Apoiada nos estudos *A cultura é de todos*, Raymond Williams, 1958; *A cultura radical*, E.P. Thompson, 1963 e *O direito à literatura*, Antonio Cândido, 1988; minha comunicação examina diversos modos de leitura na experiência da luta camponesa no Brasil, abordando tais práticas nas Ligas Camponesas (anos 1950), nas Comunidades Eclesiais de Base (anos 1970, 1980) e no tempo presente com o MST. Os escritos de Francisco Julião, sobre as Ligas Camponesas, refletem sobre a interdição da palavra aos camponeses e a leitura desponta em seus modos de aglutinar, unir, despertar para a ação, organizar a luta por meio dos cantos, narrativas, histórias e poética na cultura camponesa. Nesta recolha, em Julião, sobre os modos de leitura recitada, leitura cantada, leitura e escutada, indicamos também o significado das editoras de folhetos de cordel, ao trabalho artesanal das pequenas tipografias, quando o verso do cantador, do folhetinista ajuda a "vencer o silêncio", ou como em Muniz Sodré, exercitando a possibilidade de uma *poiesis* analfabeta. Na experiência das Comunidades Eclesiais de Base examinamos os modos de leitura dialogada nas Celebrações da Palavra, quando a Leitura em Mutirão reclama uma interpretação comunitária e seus praticantes são interpelados pelo argumento da esperança. A leitura escutada dos camponeses exige uma metodologia narrativa e observa a sua forma celebrativa, onde prevalecem o símbolo, a poesia, a parábola, a metáfora, o teatro, a música, o gesto, orientando a presença e o “gênero literário” do diálogo com os camponeses, como na experiência da Comissão Pastoral da Terra. Os Cantos, ou a palavra cantada, adquirem lugar de destaque. De fato, a sedução da utopia entrou, principalmente, nos Cantos, como assinala Clodovis Boff, quando a inspiração dos poetas populares denuncia profeticamente tudo o que impede o sonho. Sobre os modos de leitura na dimensão pedagógica da luta no MST observamos, em Roseli Caldart, como a leitura compartilhada se transforma em Vivências Geradoras num território e num tempo histórico. Aqui a dimensão da cultura em comum é acentuada no cotidiano da resistência nas canções, no cultivo dos valores, na festa, no convívio comunitário, exercitando o direito à cultura e à memória. Nesta tópica, o estudo examina a experiência em curso nas Brigadas de Alfabetização do MST no nordeste do Brasil, a partir do material de estudo produzido pelos Círculos de Leitura, (alcançando mais de 20 mil participantes em 2017 e 2018), compreendendo o esforço por alfabetizar para ler o mundo, como uma luta por direito ao conhecimento, como se observa na organização dos Círculos de Leitura, ativando o amor aos livros.

## **Os vencidos do subúrbio:**

indivíduo e sociedade no romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto.

*Irenísia Torres de Oliveira*

*Departamento de Literatura/PPGH – UFC*

O romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, concluído em 1922, narra o cotidiano simples e os fracassos dos moradores de um subúrbio do Rio de Janeiro, no início do século XX. Enquanto se desenvolve o enredo de inocência, queda e desilusão da jovem protagonista negra, outras trajetórias malsucedidas de vizinhos ou de pessoas de sua mesma condição social e racial vão sendo apresentadas ao leitor. Sem as marcações nítidas de um individualismo vigoroso, por um lado, ou de um sentido forte de coletividade, por outro, a matéria social do romance busca atender a diretrizes de denúncia e conscientização, a partir dessas várias trajetórias. São tratadas, neste estudo, as questões e peculiaridades do romance *Clara dos Anjos*, na medida em que abrem um ângulo crítico sobre as relações sociais e a vida ideológica no Brasil nas primeiras décadas após a abolição da escravidão.

## **Correspondência privada, arquivos públicos:**

as cartas de Capistrano de Abreu a Tomás Lino d'Assunção.

*João Ernani Furtado Filho*

*Programa de Pós-Graduação em História Social, UFC*

Entre 1885 e 1887, principalmente, os historiadores Lino d'Assunção (1844-1902) e Capistrano de Abreu (1853-1927) entabularam correspondência através dos vapores que cruzavam o oceano. Um apanhado das cartas de Capistrano a Lino foi editado em Lisboa, em 1946, por Luís Silveira. As missivas raramente tratavam de questões pessoais. O assunto constante era o périplo atrás de documentos, no qual se mesclavam laivos de intuição e lances de crítica. As cartas discutem aspectos e elementos da prática historiográfica, do comércio livreiro e da vida literária, no Brasil, de fins do Oitocentos, além de pontuarem temas, repertórios documentais e fortunas bibliográficas atinentes à colônia nos séculos XVI e XVII.

## **As estratégias narrativas em *O karaíba*, de Daniel Munduruku:**

recusa da perspectiva histórica genocida.

*Suene Honorato*

*Departamento de Literatura, UFC*

À primeira vista, o romance *O karaíba*, de Daniel Munduruku, publicado em 2010, parece composto a partir de estratégias narrativas consagradas pela tradição ocidental de tal maneira que o mundo cultural

indígena seria apenas um conteúdo moldado por essa forma. Ao observar em detalhes a estrutura do romance, no entanto, é possível perceber certa desestruturação da forma convencional, que tem consequências significativas para os sentidos propostos pelo texto. Ao invés de submeter um conteúdo indígena à forma ocidental de narrar, as estratégias narrativas do autor indígena poupam os personagens de um destino trágico e recusam a perspectiva histórica genocida.

**Quando o tempo acelera:**  
história, etnografia e movimentos sociais

[MESA 5]

## **Tempo, costumes e incertezas:**

narrativas sobre os retirantes e suas resistências e lutas em Fortaleza (1878-1879).

*Ana Karine Martins Garcia  
Departamento de História, UFC*

Em 19 de março de 1877, a população cearense aguardava atentamente os sinais “divinos” para o anúncio de um ano de fartura. Essa data especial para o imaginário dos sertanejos era comemorada durante o dia de São José, padroeiro da Província do Ceará. De acordo com as crenças populares, se durante essa data comemorativa chovesse, era sinal de grande prosperidade na agricultura para aquele ano, caso contrário, era o indicativo de seca e, para muitas famílias, sinal para migrar para a capital cearense. Essa pesquisa foi motivada pelos anseios de buscar a fala e o conhecimento sobre esses migrantes que foram oprimidos, rejeitados e ignorados pela história oficial. Tais migrantes lutaram por sua sobrevivência e resistiram a uma cidade que os impuseram disciplinas de comportamento e que tentavam limitar sua circulação confinando-os nos chamados “abarracamentos” para não ficarem livres e mendigando pela cidade. Desse modo, ao longo do caminho, diversas documentações referentes aos migrantes na cidade foram importantes indícios para compreender a movimentação das resistências e lutas desses sujeitos históricos e de sua experiência na cidade de Fortaleza durante a “grande” seca de 1878 no Ceará. Para a realização dessa pesquisa foi utilizado uma variedade de documentos como: jornais, memorialistas, relatórios, códigos de posturas e também as obras literárias “A fome”, de Rodolfo Teófilo, e “Os Retirantes”, de José do Patrocínio. Essas várias fontes possibilitaram construir uma narrativa onde foi possível perceber o aprendizado feito por esses vários sertanejos que passaram a viver e resistir ao tempo e aos costumes determinados pela cidade e seus habitantes durante a seca de 1878.

## **Etnocídio, fetichismo da mercadoria e resistência popular.**

*Atilio Bergamini  
Departamento de História, UFC*

Valendo-se dos estudos sobre genocídios, o objetivo deste trabalho é discutir por meio de aproximações dialéticas obras que narram o malencontro de comunidades e povos com a lógica empresarial-capitalista. O conjunto de textos que constitui a discussão é formado pelo romance *Água funda* (1946), de Ruth Guimarães; o estudo sociológico *Os parceiros do Rio Bonito* (1954), de Antonio Candido; os diários de Carolina Maria de Jesus (1960); a tese antropológica *O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul* (1980), de Michael T. Taussig; e o estudo de contra-antropologia *A queda do céu* (2010), de Bruce Albert e Davi Kopenawa.

## **“O Mucuripe de ontem, hoje e amanhã, como será?”: Verinha Miranda e o Acervo Mucuripe.**

*Berenice Abreu de Castro Neves  
PPPGH, Universidade Federal do Ceará*

Vera Lúcia Miranda, moradora do Bairro Mucuripe exerceu, na localidade onde nasceu e viveu a maior parte de sua vida, uma ação social junto aos pescadores e seus familiares, seja como professora das crianças dos morros que circundam a área, seja no amparo às viúvas e órfãos dos pais jangadeiros que saíam para pescaria e não retornavam. A preocupação com a desfiguração do Bairro onde cresceu, uma comunidade de pescadores e de migrantes pobres vindos de várias partes do interior e de áreas litorâneas do estado, fruto da agressiva investida imobiliária e turística, a levou a constituir rico acervo documental, formado de fotografias, pinturas de sua autoria, recortes de jornais, entre outras coisas, numa luta para que uma experiência histórica não fosse, ela também, atropelada pelos tratores que rasgavam avenidas, derrubando casebre miseráveis e desalojando aqueles que habitavam o Grande Mucuripe. Tragicamente, Vera foi perdendo seus próprios referências de memória, ainda na meia idade, e seu acervo foi se alojando em caixas e sacos surrados, guardados por um familiar que lhe acolheu até a morte. Em 2018, um grupo de extensão da UECE, O professor de História e o Patrimônio Cultural: faz escuro, mas eu canto, higienizou, inventariou e digitalizou o acervo de Vera, enquanto parte da população do Mucuripe, com o apoio de intelectuais e movimentos sociais, resiste para garantir a preservação do que restou da comunidade tradicional.

### **Trajetórias de migrantes: trabalho, família e territórios de pertencimento.**

*Marilda A. Menezes  
Profa. Visitante Senior – UFABC*

O período de 1930 a 1980 foi caracterizado por fluxos migratórios significativos das áreas rurais da região para urbanas e industriais no Brasil. Vários trabalhos clássicos das ciências sociais, inspirados por paradigmas histórico-estrutural, explicavam que as migrações expressavam transferências de populações de regiões ou setores econômicos considerados estagnados, arcaicos ou tradicionais para regiões modernas e/ou setores em desenvolvimento. Uma visão crítica à essa perspectiva argumenta que não há uma região atrasada em oposição à moderna, nem setores econômicos atrasados em oposição ao moderno. A migrações e a mobilidade da força de trabalho são explicadas pela própria dinâmica da acumulação capitalista que gerou desigualdades regionais de desenvolvimento. Assim, há uma relação de funcionalidade entre os processos de expropriação dos camponeses e outras categorias sociais e os processos de reprodução das empresas capitalistas sejam agrícolas, industriais ou de serviços. A proposta desse *paper* é compreender que as migrações de trabalhadores não apenas articulam os processos sociais nos espaços por onde circulam, mas constroem territórios de



pertencimento, ou seja, constróem e apropriam-se desses espaços, através da inserção econômica, de redes de pertencimento familiar e de amizade; da participação em instituições sociais e políticas. Desenvolveremos essa ideia com base na análise de duas trajetórias de migrantes e suas famílias. A primeira trajetória é de um agricultor, que nasceu em 1955, migrou em 1977, trabalhou na Volkswagen em São Bernardo do Campo e retornou na década de 1990 para o município de São José de Piranhas, Estado da Paraíba onde reside até o presente momento. A segunda trajetória é de Antonio, que nasceu em março de 1952 e migrou em 1973 para a região do ABC Paulista, onde exerceu diversas atividades em indústrias e setor de serviços. Depois da aposentadoria, retornou em 2012 com a esposa para morar em São José de Piranhas, Estado da Paraíba.

## **Batalha pelas ideias**

[MESA 6]

## **Leitura e liberdade:**

com quantas letras L se faz políticas públicas de promoção do livro, leitura e literatura?

*Fabiano dos Santos Piúba (Secretaria de Cultura – Ce)*

Partimos de cinco premissas para pensar essa questão. O livro como objeto cultural e elemento de acesso à educação, bem como de fomento para a economia criativa e para as indústrias culturais. A leitura como experiência e espaço de formação transformadora, logo deve se constituir como um direito. A literatura como expressão da diversidade. O leitor como sujeito central das políticas de educação e cultura. A liberdade como uma dimensão síntese para todas essas premissas. Se existe uma virtude da leitura, essa consiste na compreensão de que ler e escrever são práticas de liberdade.

## **Engajamento ainda:**

relendo *A rosa do povo* com olhos de hoje.

*Iumna Maria Simon  
Universidade de São Paulo*

Entre a luta contra o nazifascismo na Segunda Guerra e o desejo de uma sociedade livre e igualitária num país regido pelo fascismo interno, mas submetido ao avanço de uma ordem mundial capitalista, situa-se o compromisso político-social de *A rosa do povo* (1945), de Carlos Drummond de Andrade. Nesse contexto, o poeta incorpora à expressão mais individual (lírica?) as significações extra-artísticas tanto da experiência local (de uma sociedade inacabada como a brasileira) quanto das ideologias de emancipação. O que não só reconfigura o engajamento artístico como dá a esta impressionante noção de engajamento um alcance que pode nos interessar hoje. Teremos condições de nos beneficiar de uma forma poética tão complexa e conflitiva ou, como querem a indústria cultural e a teoria contemporânea, só nos resta banalizá-la?

## **Livros e "políticas do espírito" entre Brasil e Portugal no século XX - o caso da Livros do Brasil.**

*João Luís Lisboa e Débora Dias  
Universidade Nova de Lisboa*

Esta comunicação se propõe a estabelecer correlações entre a cultura e a política nas relações Brasil-Portugal no século XX, especialmente por meio da produção, circulação e leitura de livros brasileiros durante o Estado Novo de Salazar. Teremos atenção ao período em que o impresso brasileiro conquistou novos espaços, quer em iniciativas oficiais, como explícito no Acordo Cultural celebrado, em 1941, entre os regimes de Salazar e de Getúlio Vargas; quer em iniciativas mais espontâneas, como na criação da editora Livros do Brasil (1944),

com coleções originais e os direitos de importação e distribuição exclusivos, para Portugal e colônias, de uma série de editoras brasileiras. Para isso, serão analisados núcleos do espólio do editor Sousa Pinto, documentação inédita, que oferece contribuições para o mosaico das relações culturais entre os dois países, como também participa de questões sobre as políticas públicas e a cultura.

## **Eram os cearenses futuristas?** Modernização e vanguarda no Nordeste brasileiro.

*Rodrigo de Albuquerque Marques  
FECLESC/Universidade Estadual do Ceará*

Na segunda metade da década de 1920, as primeiras ideias modernistas, sob o rótulo de Futurismo, começaram a aparecer no Ceará. No início, foram recebidas com certa desconfiança, mas logo depois seriam adaptadas ao discurso modernizante das elites locais, resultando em uma leitura muito atípica da vanguarda italiana em uma terra pobre e seca. O trabalho descreve as peculiaridades do Futurismo numa região periférica do Brasil através da leitura de poemas e de periódicos cearenses da década de 1920.

## **As letras, o cinema e as vozes**

[MESA 7]

## **O lugar e a fala em Chico Alvim.**

*Eleonora Ziller Camenietzki  
Universidade Federal do Rio de Janeiro*

Em tempos de grave retrocesso e pouca inteligência nacional, rever a poesia de Chico Alvim é um desafio e um exercício de sobrevivência. As estratégias da fala, seus lugares, recursos reiterativos, indagações, fragmentos de conversa, expressões há muito naturalizadas e completamente adormecidas pelo hábito, são recortadas, realocadas e ressignificadas, gerando uma poesia de grande alcance crítico e estético. A questão posta em discussão pela poesia de Chico Alvim é a de que quando a fala vira poesia, há nela mais problema do que solução. Discutiremos, portanto, fala e poesia em Chico Alvim, na medida em que problematizam as relações sociais no Brasil.

## **Narrativas da fome no Norte e Nordeste do Brasil: algumas considerações sobre a letra e a voz.**

*Kênia Sousa Rios  
Departamento de História, Universidade Federal do Ceará*

A reflexão que ora proponho tem a intenção de conectar as diferentes formas de contar a fome na literatura e na oralidade sobretudo a partir do final do século XIX, quando o higienista e escritor Rodolfo Teófilo escreveu o livro *A Fome* (187). Ademais, busca-se entrecruzar as várias narrativas da fome na tradição oral e, afinal, como as duas matrizes (literatura e tradição oral) se retroalimentam fazendo surgir várias formas de dizer a fome no Nordeste do Brasil.

## **Mistura, diferença e tradução: a poética no entremundos de Guimarães Rosa e de Certa Antropologia.**

*Kleyton Rattes  
Departamento de Ciências Sociais, UFC*

Nesta comunicação, viso a uma articulação heurística entre a obra do escritor João Guimarães Rosa e o campo da Antropologia. A partir de uma discussão sobre as searas da mitologia, da cosmologia e do paradoxo, proponho pensar quais são os estatutos que as “pequenas narrativas” e as “traduções” gozam na produção e circulação de conhecimentos entre diferentes culturas.”

## **A formação da cabroeira em Memorial de Maria Moura:** romance de Rachel de Alencar.

*Tyrone Apollo Cnândido*  
*Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará*

O texto explora alguns recursos interpretativos do romance Memorial de Maria Moura, de Rachel de Queiroz, naqueles pontos mais interessantes para historiadores dedicados a entender a formação social do banditismo sertanejo no século XIX. Para isso, identifica no romance, para além de uma narrativa prevalecente que projeta Maria Moura como mulher que conquista um papel de comando sobre um bando de homens armados, as vozes de personagens subalternos, pelas quais vislumbra-se um cotidiano da sociedade sertaneja oitocentista no qual projetam-se detalhes do modo de vida popular, muitas vezes esquecidos.



Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará - UFC  
Av. da Universidade, 2932 - Fundos - Benfica  
Fone: (85) 3366.7485 / 7486  
CEP: 60020-181 - Fortaleza - Ceará  
[imprensa@proplad.ufc.br](mailto:imprensa@proplad.ufc.br)